

ATIVIDADES, DINÂMICAS E TERRITORIALIDADES DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA NA CIDADE DE MARINGÁ (PR)

Valério Barreiro POSTALI¹

RESUMO

As cidades concentram múltiplas formas de produção, distribuição e consumo que são realizadas com técnicas e formas de organização diversificadas. Essa segmentação cria diferenças quantitativas e qualitativas no consumo, que, por sua vez, constituem-se a causa e o efeito da existência e manutenção de dois circuitos econômicos nas cidades: o superior e o inferior. Enquanto o circuito superior constitui-se resultado direto das modernizações que atingem o território, o circuito inferior compreende as formas de fabricação de capital não intensivo, as formas mais simples de serviços fornecidos a varejo e o comércio de pequenas dimensões voltadas, sobretudo ao consumo da população pobre. Nesse sentido, buscou-se realizar uma análise concernente às atividades e dinâmicas que perpassam e definem o circuito inferior da economia na cidade de Maringá (PR) à luz das variáveis que caracterizam o período atual, sendo este, a técnica, a informação, o consumo, a publicidade e as finanças. A rigidez normativa exercida pelo poder público local, confere importantes peculiaridades ao circuito inferior da cidade de Maringá, aspecto este que o distingue da realidade manifesta nas demais cidades brasileiras. A pesquisa realizada revelou as localidades, as atividades e os trabalhadores inseridos neste subsistema econômico, evidenciando a relevância deste circuito para a manutenção e sobrevivência das famílias de baixo poder aquisitivo na cidade de Maringá, bem como na totalidade das cidades brasileiras, mediante o fato de que parcela considerável destas famílias encontra-se inserida nas atividades e serviços vinculados ao circuito inferior da economia.

Palavras chave: Circuito Inferior da Economia. Mercado de Trabalho. Globalização. Maringá.

¹ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná (Unespar).

ACTIVITIES, DYNAMICS AND TERRITORIALITIES OF THE LOWER CIRCUIT IN THE CITY OF MARINGÁ (PR)

ABSTRACT

Cities concentrate multiple forms of production, distribution and consumption that are carried out with diversified techniques and forms of organization. This segmentation creates quantitative and qualitative differences in consumption, which, in turn, constitute the cause and effect of the existence and maintenance of two economic circuits in cities: the upper and lower. While the upper circuit is a direct result of the modernizations that reach the territory, the lower circuit comprises the forms of manufacturing of non-intensive capital, the simpler forms of services provided to retail and the small commerce focused, mainly to the consumption of the population. In this sense, an attempt was made to perform an analysis concerning the activities and dynamics that permeate and define the lower economy circuit in the city of Maringá in light of the variables that characterize the current period, being this, the technique, information, consumption, advertising and finance. The regulatory rigidity exercised by the local public power confers important peculiarities to the lower circuit of the city of Maringá, an aspect that distinguishes it from the manifest reality in other Brazilian cities. The research carried out revealed the locations, activities and workers included in this economic subsystem, evidencing the relevance of this circuit for the maintenance and survival of low-income families in the city of Maringá, as well as in all Brazilian cities, due to the fact that which a considerable part of these families is inserted in the activities and services linked to the inferior circuit of the economy.

Keywords: Lower Economy Circuit. Labor Market. Globalization. Maringá.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais, as cidades brasileiras abrigam diversas atividades imbricadas ao mundo das técnicas, das ciências e das informações. A integração dessas distintas variáveis manifesta-se particularmente sob o modo de vida urbano contemporâneo através das profundas mutações no mercado de trabalho vinculadas às esferas da produção, da circulação e do consumo. O período atual, denominado por Santos (2006) de período técnico-científico-informacional traduz-se, portanto, na crescente aproximação entre ciência, técnica e informação, manifestando-se nas mais distintas formas de sociabilidade e de articulação entre os lugares.

Dissertando sobre o período atual, Oliveira (2011, p. 15) argumenta que “as maneiras como esse conjunto de variáveis, eventos e processos se combinam nos lugares fazem com que o período atual também se caracterize pela coexistência entre novas e velhas formas de estabelecer a coerência e a subordinação entre os circuitos da economia urbana.”

Conforme assevera Santos (1979), são nessas mesmas cidades que multiplicam-se as mais variadas formas de trabalho realizadas com capitais reduzidos e dependentes dos próprios conteúdos dos lugares onde as mesmas encontram-se inseridas. Montenegro (2009) considera que, desse modo, as cidades passam a abrigar diferentes divisões do trabalho, divisões estas que coexistem e estabelecem distintas relações com seu meio construído. A coexistência entre estas divisões do trabalho refletem-se, na concepção de Santos (1979), na criação e manutenção de dois subsistemas econômicos urbanos, compreendidos pelo autor como **circuito superior** e **circuito inferior**. Elucida-se, portanto que tais circuitos constituam-se como expressões da superposição das divisões do trabalho nos lugares (OLIVEIRA, 2011).

Essa complexa justaposição de divisões territoriais do trabalho, conforme destaca Silveira (2011), carece de um atento olhar às contradições, haja vista que atualmente a pobreza parece resultar não apenas da exclusão da modernidade contemporânea, mas, sobretudo da presença desta. Enquanto o circuito superior afirma crescentemente seu caráter poupador de mão de obra, o circuito inferior, nas suas mais distintas formas de organização, vem se consolidando como o abrigo e o fornecedor de ocupação e renda para grande parte da população pobre que habita as cidades. (SILVEIRA, 2009).

A cidade de Maringá, localizada no estado do Paraná, apresenta uma rigidez normativa que comanda seu meio construído, o desenvolvimento de suas atividades econômicas e as

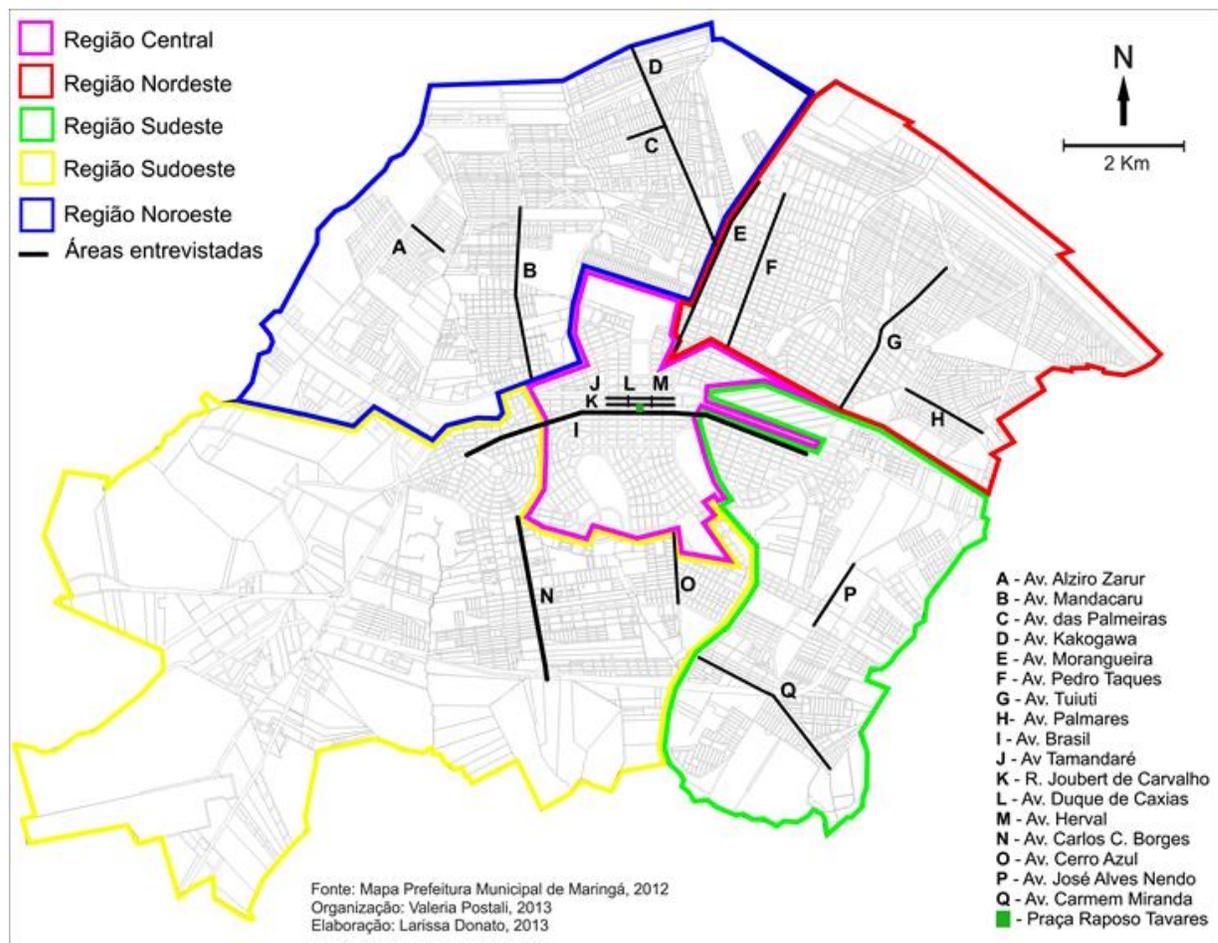
atuações de seus atores não-hegemônicos constituindo-se em um fator de definição das dinâmicas específicas assumidas por sua economia urbana. O elevado grau de exigências burocráticas no zoneamento e ocupação urbanas tende a privilegiar os agentes mais capitalizados que segregam as condições normativas e financeiras.

O intuito da presente pesquisa constitui-se em identificar as localidades, as atividades e os atores que compõe o circuito inferior da cidade de Maringá à luz das variáveis que caracterizam o período atual mediante a ostensiva rigidez normativa do poder público local. Esta rigidez urbanística associada ao alto preço do solo urbano maringaense tende a restringir a presença de pequenos negócios pouco capitalizados de forma concentrada em algumas áreas da cidade, sobretudo na região central e suas adjacências, bem como nos bairros residenciais que abrigam uma população economicamente privilegiada.

Entretanto, a magnitude das atividades desenvolvidas no bojo do circuito inferior na cidade de Maringá, revela que a despeito da rigidez normativa executada pelo poder público local e das demais condições adversas ao desenvolvimento deste subsistema, os atores não-hegemônicos encontram interstícios no meio construído e nas próprias normas para instalarem-se na cidade.

O encaminhamento metodológico desta pesquisa não se limitou a definir uma amostra matematicamente rígida em termos de representação quantitativa, neste sentido, foi realizado um enfoque qualitativo para a compreensão das atividades do circuito inferior na cidade de Maringá.

Com base no mapa de macrozoneamento disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Maringá – neste zoneamento a cidade de Maringá encontra-se dividida em cinco grandes zonas, sendo estas a zona central, a nordeste, a noroeste, a sudeste e a sudoeste –, foram definidas as ruas e avenidas para a aplicação dos questionários. Essa escolha foi calcada na centralidade intraurbana que cada uma destas vias exerce na porção onde encontram-se inseridas, ou seja, na importância que tal localidade desempenha para a população ao seu entorno no sentido de atender às necessidades básicas cotidianas. Assim sendo, algumas zonas apresentam maiores concentrações de áreas de pesquisa que as demais, igualmente em relação à questão da concentração de atividades econômicas muitas vezes significativamente distintas entre tais localidades. As localidades pesquisadas encontram-se no Mapa 01.



Mapa 01: Ruas e avenidas pesquisadas na cidade de Maringá
Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá, 2012

A metodologia empregada na presente pesquisa fundamentou-se amplamente na realização de pesquisas regulares *in loco*. Convém elucidar que em detrimento da ausência de dados oficiais referentes ao circuito inferior da economia urbana, as informações e dados obtidos através da aplicação dos questionários constituem-se na essência deste trabalho. Nesse intuito, nos meses de abril e maio 2013 foram aplicados 60 questionários priorizando a figura do proprietário ou gerente de estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços abarcados no circuito inferior com o propósito de colher informações que pudessem fornecer subsídios para uma análise qualitativa que reconhecesse as práticas de funcionamento e as dinâmicas das atividades do circuito inferior na cidade de Maringá.

2 RIGIDEZ NORMATIVA E EXCLUSÃO SOCIOTERRITORIAL EM MARINGÁ

Desde sua gênese, Maringá seguiu uma orientação urbanística que reproduziu no território imensas desigualdades socioeconômicas pela ação do poder público local e do mercado imobiliário. Rodrigues (2005) menciona que como corolário desse processo, ocorreu a formação de uma cidade altamente segregada e segregadora. Para Schmidt (2006), no decorrer das trajetórias do processo de legislação de uso e ocupação do solo urbano, a Prefeitura Municipal impôs uma legitimação social na qual perdura até os dias atuais. Para os autores, a paisagem urbana de Maringá constitui-se reflexo da ação política do poder público municipal ao longo de seus mais de sessenta anos de existência e vem sendo mantida através de planos diretores de cunhos extremamente conservadores.

A esse respeito, Rodrigues (2005) elucida que a legislação definiu a atual configuração urbana de Maringá, especialmente a partir de 1968, ano em que foi implantado o primeiro Plano Diretor Municipal (Lei n. 621 de 09/10/1968), passando o Executivo e o Legislativo municipais a governar a partir de planejamento global e de longo prazo.

Embora as condições de habitabilidade revelem-se na principal manifestação da pobreza urbana, a questão do trabalho constitui-se igualmente relevante para tal análise, uma vez que o trabalho, bem como suas condições de realização, expressa a existência de um grupo de pessoas que precisa viabilizar diferentes maneiras de inserir-se no mercado de trabalho para garantir sua sobrevivência na cidade.

A partir desta lógica, manifestam-se na cidade, áreas que abrigam atividades e serviços inseridos no contexto do que Santos (1979) designou de circuito inferior da economia. Para o autor, essas áreas relacionadas à sobrevivência, encontram-se vinculadas à complexidade do urbano, realizando-se de maneiras e intensidades diferentes e com lógicas espaciais particulares. Ainda que desigual, a cidade abriga distintas formas de (re) produção e de sobrevivência. É a necessidade do uso do território, contraponto existencial à rigidez normativa. Uma manifestação deste contraponto é revelada através da notória existência dos serviços e atividades do circuito inferior na cidade de Maringá a despeito da rigidez normativa e da austera fiscalização pública.

Todavia, como a tendência do poder público municipal de Maringá é a de restringir a pobreza esse circuito expressa-se de forma mais dispersa e com outras características. Para ilustrar, é possível tomar como exemplo a questão do comércio ambulante, haja vista que na

cidade de Maringá este tipo de atividade é praticamente inexistente, principalmente na área central, pois o poder público fiscaliza amplamente as ruas – apreendendo mercadorias – para coibir a prática do comércio informal. Visualiza-se a rara presença desses trabalhadores em poucos pontos da Avenida Brasil², entretanto os mesmos não se encontram localizados com frequência no local para ludibriar a fiscalização. A atuação do comércio ambulante realiza-se efetivamente nos bairros dotados de menor infraestrutura, onde as fiscalizações a este tipo de atividade são menos constantes.

Em relação aos camelôs, a ação do poder público municipal constitui-se igualmente restritiva, pois a única aglomeração de comércio popular localizada na área central foi desarticulada no ano de 2009 após a retirada desses trabalhadores do antigo prédio que abrigava o terminal rodoviário. Um exemplo da coerção aos vendedores ambulantes expressa-se na Lei Ordinária de Maringá n.º 5855/2002 de 15/10/2002 que disciplina o exercício do comércio ambulante.

Mediante o exposto, entende-se que frente à intensa valorização imobiliária na área central de Maringá, combinada à rigidez normativa do poder público municipal, realizou-se um movimento de centrifugação da população pobre e, por conseguinte, dos agentes e atividades do circuito inferior. Por outro lado, proliferaram-se nas demais áreas da cidade pequenas atividades realizadas com escassos recursos. Ao mesmo passo em que o circuito superior torna-se cada vez menos empregador, o circuito inferior vem encontrando meios de ampliar sua capacidade de geração de trabalho e renda, ainda que em condições bastante precárias.

Toda uma gama de pequenas atividades realizadas com poucos recursos encontra, portanto, seu lugar e seu mercado na cidade de Maringá, inclusive na área central, onde a normatização se impõe com maior vigor. A presença das atividades do circuito inferior evidencia que a despeito da rigidez urbanística que caracteriza a cidade de Maringá, o peso das dinâmicas urbanas ditadas pelo mercado constitui-se, não raramente, mais determinante do que do que as próprias normas urbanísticas.

² A Avenida Brasil constitui-se na principal via de circulação de pessoas, mercadorias e capitais de Maringá exercendo uma centralidade de destaque na cidade.

2.1 O CIRCUITO INFERIOR EM MARINGÁ: AS TERRITORIALIDADES

Os atores inseridos no bojo do circuito inferior da economia urbana ocupam diferenciadas áreas do meio construído guiados por suas condições de pagamento pelas localizações e de adaptação às normas vigentes. Entrementes, tais localizações não são permanentes, mas tendem a ser efêmeras ao compasso das distintas equações entre o custo da localização e a capacidade de agregar valor aos produtos e serviços.

A presença do circuito inferior é mais intensa nas grandes aglomerações em função da magnitude da pobreza urbana. Na concepção de Arroyo (2008, p. 31), “isso revela o drama das metrópoles, mas também sua força”. Santos (1979) concorda com essa assertiva e complementa que são justamente nas áreas centrais das cidades que se manifestam as maiores concentrações de serviços e atividades inseridas no bojo do circuito inferior da economia. Todavia, como será analisado posteriormente, a presente pesquisa revelou que o circuito inferior da cidade de Maringá apresenta um comportamento peculiar.

Considera-se relevante destacar que os centros das grandes cidades são sempre compostos por subespaços desigualmente valorizados (BEAUJEU-GARNIER, 1997) e Maringá não foge a essa regra, uma vez que sua área central abriga espaços cujos valores de aluguel oscilam entre os mais altos da cidade e preços relativamente acessíveis aos pequenos negócios pouco capitalizados. A fragmentação de um tecido urbano desigualmente valorizado manifesta-se, portanto até mesmo na escala do centro da cidade.

Todavia, apesar da área central de Maringá apresentar características fundamentalmente atrativas aos atores vinculados ao circuito inferior da economia urbana, essa localidade não se constitui na área de maior concentração desse circuito econômico em detrimento da rigidez normativa e dos altos preços dos aluguéis dos imóveis comerciais. Indubitavelmente assim como na região central de Maringá, todas as demais regiões analisadas apresentam um número mais elevado de estabelecimentos vinculados ao circuito inferior da economia do que revelado nas pesquisas (Quadros 01-03), todavia os levantamentos realizados privilegiaram áreas específicas de cada região em virtude da extensão territorial da malha urbana de Maringá.

Admite-se que se partiu da premissa de que as atividades e serviços intrínsecos ao circuito inferior da cidade de Maringá fossem de pouca representatividade quantitativa em

decorrência da média do poder econômico de seus cidadãos³, bem como da ação altamente normativa e excludente do poder público municipal. Vislumbrava-se, ainda, que os territórios e atores deste circuito econômico fossem mais relevantes quando pensados na escala do aglomerado urbano de Maringá, sobretudo nas cidades de Sarandi e Paiçandu. Certamente ambas as cidades revelam-se como importantes territórios do circuito inferior da economia em detrimento da concentração da pobreza nessas (RODRIGUES, 2004), entretanto após análises *in loco* mais atentas na qual abarcou todo o território urbano maringaense, percebeu-se que esse circuito manifesta-se de maneira significativa em todas as regiões da cidade de Maringá, sejam estas periféricas ou central.

Todavia, é pertinente salientar que unanimemente as atividades analisadas desse circuito econômico manifestas na cidade de Maringá encontram-se legalizadas pelo poder público municipal, haja vista que abarcam as microempresas⁴ sendo, portanto, imprescindível um laudo de alvará de funcionamento tendo em vista as constantes fiscalizações pelos agentes públicos municipais. Convém esclarecer que a despeito do circuito inferior ser composto pelo universo das atividades desenvolvidas nas micro e pequenas empresas, a terminologia adotada na presente análise foi a de microempresa e microempresário em virtude da identificação exclusiva destas categorias nas pesquisas de campo realizadas na cidade de Maringá.

Constatou-se durante as pesquisas em campo que os agentes do circuito inferior logram, através de diferentes estratégias, encontrar interstícios no meio construído e nas próprias normas para instalarem-se no núcleo central da cidade de Maringá. Denota-se essa condição através da presença de pequenos estabelecimentos localizados em certos enclaves menos valorizados da área central, ou seja, espaços desprezados pelos setores mais modernos. Não obstante, para além de estratégias pontuais e localizações dispersas na área central de Maringá, foi possível identificar ainda determinadas áreas onde as atividades do circuito inferior fazem-se presente de forma mais densa.

³ Segundo dados do Iparde (2013), no último levantamento realizado no ano de 2010, a cidade de Maringá registrou a segunda maior renda média domiciliar *per capita* do estado do Paraná, que foi de R\$ 1.187,53, ficando atrás apenas da cidade de Curitiba, com R\$ 1.536,39 de renda média domiciliar *per capita*.

⁴ Segundo o critério adotado pelo Sebrae (2004), o conceito de micro empresa é definido de acordo com o número de empregados e faturamento anual desta. Uma empresa é considerada uma microempresa quando seu faturamento anual não excede aos R\$ 240 mil, possui até 9 funcionários no setor de comércio e serviços e até 19 funcionários no setor de construção e na indústria. Para o IBGE (2003), os critérios adotados para classificar as micro e pequenas empresas são: baixa intensidade de capital; altas taxas de natalidade e mortalidade; forte presença de empresas familiares, baixo investimento em inovação tecnológica; dificuldade de acesso a financiamento e relação de complementaridade e subordinação com as empresas de grande porte.

Entrementes, como já antecipado, distintamente do que ocorre na maior parcela das cidades brasileiras na qual a abundância de atividades, serviços e atores do circuito inferior, bem como as principais concentrações encontram-se inseridas na região central, na cidade de Maringá tais condições expressam-se justamente aquém do centro da cidade, ou seja, nos bairros residenciais, pois quando somado o número total de estabelecimentos por região denota-se que apesar da área central de concentrar número inferior de atividades imbricadas ao circuito inferior da economia em relação às demais regiões da cidade (Tabela 01), esta área agrega determinadas externalidades que favorecem os atores não-hegemônicos inseridos nessa localidade. Entrementes, por constituir-se no cerne das atividades econômicas urbanas a região central na cidade de Maringá revela igualmente algumas incongruências, como os altos preços dos alugueis, fiscalizações mais acirradas, congestionamentos de trânsito, escassez de áreas para estacionamento, dentre outras.

Tabela 01: Número de estabelecimentos do circuito inferior por zona na cidade de Maringá

Região da cidade	Número de Estabelecimentos
Central	137
Noroeste	339
Nordeste	482
Sudoeste	141
Sudeste	165
Total	1.264

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

O circuito inferior periférico (SANTOS, 1979) difunde-se, portanto na cidade de Maringá mais representativo em relação ao circuito inferior central em detrimento da rigidez normativa exercida pelo poder público municipal somada à especulação imobiliária e aos altos preços dos imóveis e alugueis localizados na região central.

2.2 O CIRCUITO INFERIOR EM MARINGÁ: AS ATIVIDADES

As atividades inseridas no bojo do circuito inferior, embora de pequena expressão, pouco capitalizadas e voltadas à população mais pobre, não necessariamente encontram-se inseridas na informalidade do mercado de trabalho, ainda que os trabalhos informais permeiem intensamente este circuito econômico. No transcorrer das pesquisas realizadas, foi possível inferir que na cidade de Maringá, apesar de uma infinidade de atividade constituírem-se em uma economia relativamente pobre, as mesmas encontram-se inseridas nos esquemas formais da organização do trabalho.

A intensidade quantitativa das atividades e serviços (Quadros 01, 02 e 03) imbricados ao circuito inferior manifestas na cidade de Maringá explicita a importância maior desse circuito econômico, independentemente deste subsistema constituir-se corolário de uma expansão da pobreza e aprofundamento das desigualdades socioeconômicas, reside no fato de que potencialmente tais atividades garantem trabalho e renda justamente para a população urbana mais pobre, constituindo-se igualmente umas das únicas possibilidades de consumo da mesma.

Indústrias	Atividade	Quantidade	%
	Alimentos	02	15,4
	Metalurgia	03	23,1
	Serralheria	03	23,1
	Tornearia	05	38,4
	Total	13	100

Quadro 01: Divisão do trabalho no circuito inferior por ramos de atividade na cidade de Maringá: indústrias

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Comércios	Atividade	Quantidade	%
	Agropecuária	27	4,7
	Água e gás	10	1,7
	Armarinhos	82	14,5
	Artigos de festas e fantasias	02	0,3
	Artigos esotéricos e religiosos	01	0,2
	Aviamentos	05	0,9
	Banca de jornais e revistas	13	2,3
	Brechó	07	1,2
	Comestíveis e bebidas	52	9,1
	Compra e venda de ouro	03	0,5

	Confecções e calçados	149	26,1
	Cosméticos, perfumaria e bijuterias	21	3,7
	Farmácia	21	3,7
	Ferragens, materiais elétricos e hidráulicos	10	1,7
	Ferro velho	04	0,7
	Floricultura	08	1,4
	Jogos de azar	20	3,5
	Materiais de construção	23	4,0
	Materiais de limpeza	05	0,9
	Móveis novos e/ou usados	20	3,5
	Papelaria e embalagens	25	4,4
	Peças de automóveis e motocicletas	34	5,9
	Produtos naturais e regionais	03	0,5
	Produtos para instalações comerciais	03	0,5
	Produtos para jardinagem	01	0,2
	Produtos para pesca e fogos	02	0,3
	Produtos para piscina	02	0,3
	Utilidades domésticas e variedades	19	3,3
	Total	572	100

Quadro 02: Divisão do trabalho no circuito inferior por ramos de atividade na cidade de Maringá: comércios

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

	Atividade	Quantidade	%
Serviços	Academia desportiva	05	0,8
	Alimentação e bebida	247	38,2
	Assistência e conserto de celulares	13	2,0
	Banho e tosa	10	1,6
	Bicicletaria	12	1,9
	Borracharia	12	1,9
	Cabeleireiro e barbeiro	101	15,5
	Chaveiro	14	2,2
	Conserto de eletroeletrônicos	26	4,0
	Conserto de lonas de caminhões	01	0,2
	Conserto de motores elétricos	03	0,5
	Conserto de relógios e joias	07	1,1
	Costura e conserto de roupas	06	0,9
	Encanador e eletricista	01	0,2
	Ensino	06	0,9
	Estacionamento	03	0,5
	Fotografias	09	1,4
	Funilaria e pintura de veículos	09	1,4
	Informática	24	3,7
	Lavagem de veículos	10	1,6

Locação de fantasias e trajes sociais	03	0,5
Massagista	02	0,3
Moto táxi	06	0,9
Oficina mecânica de veículos e/ou motocicletas	53	8,2
Pensionato	01	0,2
Propaganda e panfletagem	05	0,8
Recarga de extintores	01	0,2
Recuperadora de para-choques	01	0,2
Reforma de móveis e estofados	02	0,3
Sacaria	02	0,3
Sapataria	07	1,1
Tapeçaria	08	1,2
Tatuagens e <i>piercings</i>	04	0,6
Videolocadora, <i>xerox</i> e <i>lan house</i>	21	3,3
Vidraçaria	09	1,4
Total	644	100

Quadro 03: Divisão do trabalho no circuito inferior por ramos de atividade na cidade de Maringá: serviços

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Essa gama quase infinita de diversidades de atividades realizadas pela população de baixa renda somada à sua constante transformação revela como a criatividade e a adaptabilidade constituem-se em importantes características inerentes ao circuito inferior. Essas capacidades traduzem-se no que Santos (2006, p. 324) denominou de flexibilidade tropical.

Nas grandes cidades, sobretudo no Terceiro Mundo, a precariedade da existência de uma parcela importante (às vezes a maioria) da população não exclui a produção de necessidades, calcadas no consumo das classes mais abastadas. Como resposta, uma divisão do trabalho imitativa, talvez caricatural, encontra as razões para se instalar e se reproduzir. Mas aqui o quadro ocupacional não é fixo: cada ator é muito móvel, podendo sem trauma exercer atividades diversas ao sabor da conjuntura. Essas metamorfoses do trabalho dos pobres nas grandes cidades cria o que [...] denominamos de ‘flexibilidade tropical.

Para Tozi (2012), uma das manifestações assumidas hoje pela flexibilidade tropical nas cidades brasileiras reside na combinação de atividades aparentemente não relacionadas entre si em um mesmo estabelecimento do circuito inferior. A realização das mais diferentes tarefas em um mesmo local pode representar, em certos casos, uma forma de compartilhar as vantagens abrigadas por determinadas localizações e o acesso ao mercado por elas garantido. Essa

característica foi apreendida em relação às atividades e serviços do circuito inferior da cidade de Maringá.

Salões de cabeleireiros que comercializam peças íntimas femininas, chaveiros que vendem bijuterias e artesanatos, videolocadoras que oferecem os mesmos serviços de uma *lan house*, relojarias onde são vendidos cosméticos e sapatarias que também funcionam como brechós constituem-se apenas algumas das combinações encontradas no circuito inferior maringaense. A diversificação das atividades e serviços num mesmo estabelecimento revelou-se em um importante subsídio no entendimento das dinâmicas do circuito inferior central e periférico, condição esta que vem espalhando-se de forma efetiva na cidade de Maringá.

Fundamentando-se nos quadros apresentados, é possível compreender que a divisão do trabalho no circuito inferior na cidade de Maringá apresenta-se sobremaneira diversificada e intensa em relação aos segmentos econômicos comercial e de serviços; a única exceção refere-se ao setor industrial, isso no que tange às localidades pesquisadas, pois a pesquisa não teve condições de contemplar o território urbano de Maringá por completo. As pesquisas revelaram ainda que a maior representatividade de estabelecimentos do circuito inferior vinculado ao setor comercial refere-se aos estabelecimentos que comercializam confecções e calçados, sendo que estes representam 27% de todos os estabelecimentos comerciais do circuito inferior da cidade de Maringá. Posteriormente, encontram-se os armazéns, classificados atualmente como lojas de presentes, com 14,9% e os estabelecimentos que comercializam comestíveis e bebidas, à guisa de exemplo, mercearias, sacolões, açougues, dentre outros, representando 9,4%.

Verifica-se que os pequenos estabelecimentos que oferecem serviços de alimentação e bebida, como restaurantes, lanchonetes, pastelarias, bares, pizzarias, sorveterias, entre outros, lideram o setor de serviços imbricados ao circuito inferior da cidade de Maringá. Foram identificados 247 estabelecimentos, ou seja, 37,1% de todos os estabelecimentos de serviços do circuito inferior da cidade em tela. Em relação ao total de estabelecimentos vinculados ao circuito inferior, esta modalidade de atividade corresponde a quase 21% do total. Correlato ao setor de serviços, sequencialmente aos estabelecimentos de alimentação e bebida encontram-se os salões de cabeleireiro e/ou barbeiros, representando 15,1% e as oficinas mecânicas de automóveis e motocicletas, com 7,9%.

Na concepção de Silveira (2004, p. 66), o elevado número de estabelecimentos vinculados ao circuito inferior da economia atribui-se “graças aos custos de produção mais baixos

pela ampla oferta e proximidade de insumos, mão-de-obra (*sic*) e clientes [...]”. No que tange ao elevado número de empresas do circuito inferior, Santos (2003) assevera ainda que o papel essencial deste subsistema econômico é o de permitir que as classes menos favorecidas tenham acesso, por formas específicas de comercialização, aos produtos fabricados no circuito superior, bem como o de produzir, ele mesmo, os bens de tipo moderno ou tradicional que comercializa através de seu aparelho próprio (SANTOS, 2003).

2.3 O CIRCUITO INFERIOR EM MARINGÁ: AS DINÂMICAS

Atualmente, novas possibilidades de serviços e atividades vêm se abrindo para os pequenos negócios do circuito inferior a partir da crescente incorporação de objetos técnicos relativamente modernos entre as camadas mais pobres. No período atual, aparelhos de telecomunicações como telefones celulares, equipamentos de fotocópia, vídeo, música, fotografia, computadores, entre outros, tornaram-se mais acessíveis aos agentes do circuito inferior e passaram a permear seu cotidiano tanto na esfera do consumo como na esfera do trabalho. Apesar disso, o circuito inferior continua utilizando-se das tecnologias consideradas obsoletas.

A respeito da incorporação tecnológica nos estabelecimentos do circuito inferior da cidade de Maringá, verificou-se que parcela considerável destes estabelecimentos demanda de tecnologias para a realização das atividades e prestação dos serviços. Entrementes, a adoção de tecnologias modernas realiza-se através de objetos que já se encontram obsoletos frente ao ritmo da modernização capitaneada pelas grandes empresas. Por outro lado, no período atual amplia-se igualmente a possibilidade do uso de técnicas relativamente mais modernas.

Dentre os estabelecimentos identificados nas pesquisas que demandam de modernas tecnologias para a concretização das atividades inserem-se pequenas gráficas, empresas de propaganda e panfletagem, videolocadoras e *lan houses*, algumas papelarias, estabelecimentos que oferecem serviços de fotocópia e revelação instantânea de fotos, lojas de informática e estabelecimentos que realizam reparos em eletroeletrônicos e motores elétricos. Somados, estes estabelecimentos correspondem em cerca de 10% de todas as empresas vinculadas ao circuito inferior da cidade de Maringá.

Destarte, a incorporação de tecnologias obsoletas ou modernas enquanto instrumentos de trabalho e objetos de consumo tem permitido a emergência de novas atividades e de novos usos entre os atores não-hegemônicos da cidade de Maringá. Referindo-se ainda aos instrumentos de trabalho utilizados e disponibilizados pelos estabelecimentos imbricados ao circuito inferior, apreendeu-se que a adoção de tecnologias modernas comuns ao circuito superior tem-se manifestado em uma das variáveis chave do período atual (SILVEIRA, 2009) no circuito inferior de Maringá.

As pesquisas revelaram que todos os microempresários⁵ inseridos no bojo do circuito inferior de Maringá detêm telefone celular, sendo que os mesmos utilizam-no de forma pessoal e como instrumento de trabalho. As pesquisas apontaram ainda que 88% dos estabelecimentos possuem telefone fixo, mais de 60% possuem computador e cerca da metade dos estabelecimentos encontra-se conectado à rede mundial de informações. Em relação às máquinas de cartões de crédito e débito, verificou-se que 53% dos estabelecimentos do circuito inferior são adeptos das mesmas (Gráfico 01). Esse dado revela a redefinição do circuito inferior face à expansão do emprego de novas tecnologias em suas atividades.

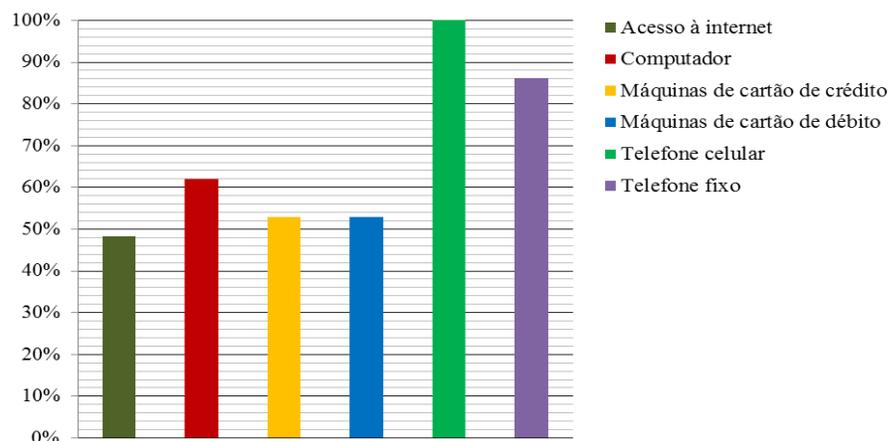


Gráfico 01: Instrumentos de trabalho utilizados nos estabelecimentos do circuito inferior na cidade de Maringá

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

⁵ A despeito do circuito inferior ser composto pelo universo das atividades desenvolvidas nas micro e pequenas empresas, a terminologia adotada na presente análise foi a de microempresa e microempresário em virtude da identificação exclusiva destas categorias nas pesquisas de campo realizadas na cidade de Maringá. Segundo o critério adotado pelo Sebrae (2004), o conceito de micro empresa é definido de acordo com o número de empregados e faturamento anual desta. Uma empresa é considerada uma microempresa quando seu faturamento anual não excede aos R\$ 240 mil, possui até nove funcionários no setor de comércio e serviços e até 19 funcionários no setor de construção e na indústria.

A crescente incorporação dos terminais eletrônicos de cartões de crédito e débito como forma de pagamento entre os pequenos negócios revela a permeabilidade das finanças nas relações no circuito inferior, ou seja, o fenômeno da financeirização tem-se manifestado efetivamente entre os atores não-hegemônicos da cidade de Maringá no que tange tanto os microempresários quanto os consumidores (Gráfico 02). Esses meios eletrônicos de pagamento são emitidos por bancos e outras instituições financeiras, entre as quais se destacam as marcas globais das organizações de cartões denominadas “bandeiras”.

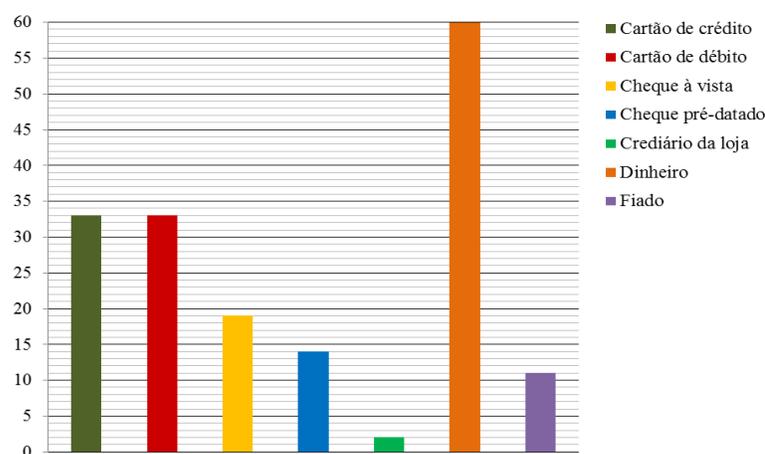


Gráfico 02: Formas de pagamento oferecidas pelos estabelecimentos do circuito inferior na cidade de Maringá

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Silveira (2011) destaca as finanças dentre as novas variáveis do período atual; essa proposição corroborou-se na cidade de Maringá através da análise dos estabelecimentos imbricados ao circuito inferior, haja vista que dentre os 60 estabelecimentos pesquisados, mais da metade, ou seja, 33 estabelecimentos disponibilizam máquinas de cartões de crédito e débito para seus clientes. Cheques à vista e pré-datados apesar de serem aceitos em menor parte desses estabelecimentos, 19 e 14 respectivamente, têm igualmente permeado o cenário do circuito inferior de Maringá no período atual.

Em relação ao fiado, ou seja, a aquisição de produtos ou serviços para pagamento futuro, constituído como variável clássica do circuito inferior na ocasião da formulação da teoria (SANTOS, 1979), ainda resiste em 11 dos estabelecimentos da cidade de Maringá. Entrementes, a tendência apresentada revelou que esta forma de pagamento subsiste apenas no circuito inferior

periférico – entendido por Santos (1979) como aquele realizado nos bairros – e para consumidores específicos. Assim,

a adoção destes novos meios de pagamento tem provocado diferentes repercussões sobre a economia pobre. Por um lado, representam uma forma de abarcar uma maior parcela do mercado consumidor para os pequenos negócios que diversificam as formas de pagamento oferecidas e, portanto, obtêm um crescimento de suas vendas. O uso destes meios de pagamento pode representar ainda uma forma de reduzir os impactos da inadimplência em comparação a outros meios de pagamento, como o cheque, por exemplo, e funcionar também como um instrumento de antecipação de crédito [...]. (SILVEIRA, 2011, p. 61).

Entretanto, a incorporação dos terminais eletrônicos apresenta alguns inconvenientes aos negócios do circuito inferior no que se refere, sobretudo, aos altos custos operacionais das bases de cartão de crédito e de débito, haja vista que além das mensalidades pagas pelo aluguel das máquinas também são cobradas porcentagens sobre o valor de cada transação realizada através das mesmas.

Os impactos da expansão da creditização perpassam pelos microempresários do circuito inferior atingindo aos seus consumidores. Esta asseveração pôde ser comprovada nas pesquisas, haja vista que apesar do dinheiro constituir-se ainda na principal forma de pagamento pelos consumidores destes estabelecimentos, a utilização dos cartões de crédito e débito tem-se ampliado entre a população pobre (Gráfico 03).

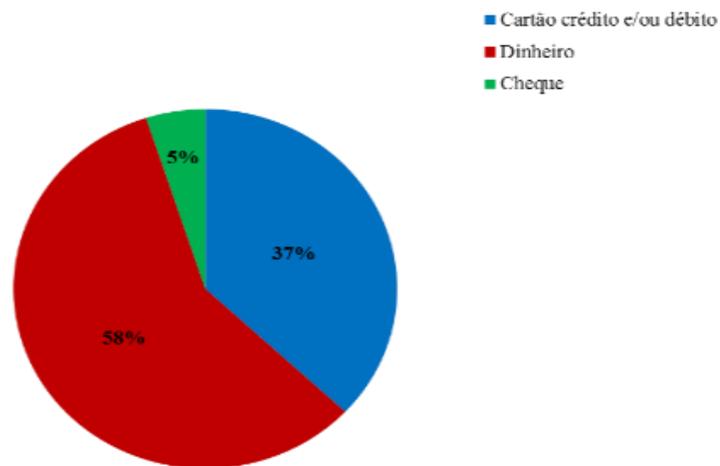


Gráfico 03: Principais formas de pagamento utilizadas pelos consumidores dos estabelecimentos do circuito inferior na cidade de Maringá

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

O acesso facilitado ao crédito através dos cartões de crédito e débito, bem como dos cheques especiais tem provocado, na concepção de Sciré (2009), uma nova forma de pobreza mediante o considerável avanço do endividamento e da inadimplência da população pobre. Segundo dados do Banco Central (2013), no ano de 2013 mais de 83 milhões de brasileiros possuíam dívidas no cheque especial, no cartão de crédito ou junto às financeiras, número que equivale a 52% da População Economicamente Ativa (PEA).

A utilização de equipamentos comprados usados, os chamados equipamentos de segunda mão, é frequente no circuito inferior da cidade de Maringá. Tal condição remete-se novamente à questão da obsolescência programada que marca a dinâmica do consumo no período atual e amplia a gama de objetos técnicos prematuramente envelhecidos pelas vagas de modernização. Destarte, o circuito inferior passa a dispor de um leque crescente de técnicas que lhe permitem diversificar suas formas de ação e até mesmo desenvolver e incorporar novas atividades.

Característica relevante apreendida no circuito inferior da cidade de Maringá refere-se à composição do mercado consumidor deste circuito, haja vista que os consumidores são oriundos de todas as classes socioeconômicas. Quanto ao perfil dos consumidores, Santos (1979) reconhece esta característica ao afirmar que os circuitos econômicos não possuem consumidores fixos, visto que a classe média transita entre o circuito superior e o inferior, bem como aqueles consumidores de baixa renda que, de um modo ou outro, também consomem no circuito superior da economia. Cerca de 70% dos microempresários entrevistados revelou ter como clientela consumidores de todas as classes econômicas, ainda que tenham admitido que a maioria dos consumidores seja, aparentemente, de baixa renda. Esta constatação pode ser interpretada pela presença do circuito inferior em todas as regiões da cidade, a despeito do poder socioeconômico dos moradores.

A respeito do índice de empregabilidade da mão de obra nos estabelecimentos analisados, constatou-se que mais de 40% destes empregam trabalhadores. Em números absolutos, esse índice significa que 26 empresas são responsáveis pela geração de 59 postos de trabalho na cidade de Maringá (Tabela 02).

Tabela 02: Número de funcionários empregados nos estabelecimentos do circuito inferior na cidade de Maringá

Número de Funcionários	Número de Estabelecimentos
01	05
02	10
03	07
04	01
05	02
06	01
59	26

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Nesse sentido, o circuito inferior da economia tem reafirmado seu papel de abrigo e fornecedor de ocupação e, conseqüentemente, renda para grande parcela da população urbana no período atual; apesar de não raramente estas ocupações serem precárias e informais. Contudo, a expansão de ocupações de trabalhadores sem carteira assinada e o avanço do processo de deterioração das condições de trabalho não se restringem somente ao circuito inferior, ademais se estendem também, em grande medida, ao circuito superior da economia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período atual, concomitante à expansão do circuito inferior, manifesta-se uma intensa renovação dos dinamismos imbricados a este subsistema. Destarte, as atividades menos capitalizadas encontram-se intensamente permeadas por processos associados às variáveis-chave do período atual, como a técnica, o consumo, a informação e as finanças (SILVEIRA, 2009), condição esta revelada em Maringá pelos subsídios referentes às microempresas analisadas na pesquisa. Neste sentido, o avanço do processo de incorporação de determinadas técnicas entre os atores não-hegemônicos tem se revelado como um fenômeno frente à velocidade assumida pelo progresso técnico.

O circuito inferior maringaense distingue-se por seu caráter periférico, dissemelhante da grande maioria das cidades brasileiras, onde a magnitude deste circuito manifesta-se na área central. Entrementes, o acesso às variáveis mais modernas apresenta-se igualmente intensa, sobretudo no cenário atual onde verifica-se a expansão do consumo entre a população mais pobre.

Todavia, a questão da rigidez normativa constitui-se certamente no componente condicionante de maior expressão no que concerne à conformação do circuito inferior da economia urbana de Maringá. Esta condição conduziu à configuração de uma economia extremamente segmentada e de um meio construído ainda mais fragmentado do que nas demais cidades brasileiras. O meio técnico-científico-informacional faz-se presente, seja pelo planejamento municipal da normatização e organização do território, seja pelas políticas corporativas de uso do território urbano.

A cidade de Maringá abriga, portanto uma considerável diversidade de divisões do trabalho além de abarcar vetores diversos que se coadunam em um espaço banal ainda que imbuídos de finalidades distintas; estabelece-se assim, uma combinação de usos nos lugares, notadamente naqueles selecionados pelas atividades hegemônicas. Concomitante ao uso do território como recurso pelos atores hegemônicos, este revela-se igualmente como abrigo dos atores não-hegemônicos. Todavia, Santos (2006) assevera que estas distintas formas de uso do território não se realizam em espaços diferenciados, pelo contrário, ocorrem de forma conjugada e dialética sobrepondo-se e relacionando-se, formando o espaço banal, ou seja, o espaço de todos.

4 REFERÊNCIAS

ARROYO, María Mónica. A economia invisível dos pequenos. *Le Monde Diplomatique*, a. 2, p. 30-31, 2008.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

OLIVEIRA, Edilson Luís. **Divisões do trabalho e circuitos da economia**. Londrina: Eduel, 2011.

RODRIGUES, Ana Lúcia. A ocupação urbana da região metropolitana de Maringá: uma história de segregação. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.108, p. 61-86, jan./jun., 2005.

RODRIGUES, Ana Lúcia. **A pobreza mora ao lado**: segregação sócio-espacial na Região Metropolitana de Maringá. 2004. Doutorado (Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Economia espacial**: críticas e alternativas. São Paulo. Edusp, 2003.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SCHIMIDT, Lisandro Pezzi. Poder público, mercado imobiliário e (re) produção material: estratégias e ações em Maringá (1989/2000). In: MENDES, Cesar Miranda; SCHIMIDT, Lisandro Pezzi. **A dinâmica do espaço urbano-regional**: pesquisas no norte-central paranaense. Guarapuava: Unicentro, 2006.

SCIRÉ, Cláudia D'Ipolitto de Oliveira. Financeirização da pobreza: crédito e endividamento no âmbito das práticas populares de consumo. **Teoria & Pesquisa**: Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 65-78, 2011.

SILVEIRA, Maria Laura. Crises e paradoxos da cidade contemporânea: os circuitos da economia urbana. In: PEREIRA, Elson Manoel; DIAS, Leila Christina (Orgs.). **As cidades e a urbanização no Brasil**: passado, presente e futuro. Florianópolis: Insular, 2011.

SILVEIRA, Maria Laura. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, 2009.

SILVEIRA, Maria Laura. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Orgs.). **Geografias de São Paulo**: representação e crise da metrópole. São Paulo: Contexto, 2004.

TOZI, Fabio. **Rigidez normativa e flexibilidade tropical**: investigando os objetos técnicos no período da globalização. 277 f. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – USP, São Paulo, 2012.

Data de recebimento: 05 de novembro de 2018.

Data de aceite: 06 de dezembro de 2018.